O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

EXPORTAÇÕES DO AGRO GARANTEM A BALANÇA COMERCIAL DO PAÍS

O ANO de 2020 começou cheio de solavancos: o agravamento da tensão no Oriente Médio; uma nova epidemia, o coronavírus; e a situação sino-americana. Em momentos como este, há uma clara tendência de aversão ao risco por parte dos investidores. Por isso mesmo, o ouro e o dólar tendem a se valorizar, principalmente em um novo mundo de taxas de juros negativas ou próximas de zero.

Apesar de tudo, o Brasil continua navegando. A inflação está comportada, e os juros não devem subir. A ***Agroanalysis*** também acredita que, a médio prazo, a tendência do dólar é para baixo, e não para cima. O Produto Interno Bruto (PIB) deverá crescer entre 2% e 3% neste ano. Para o setor do agronegócio, 2019 foi bom. Este ano deverá ser bom também, exceto para as regiões que estão sofrendo por problemas climáticos.

A nossa matéria de capa aborda um tema muito importante na realidade atual de juros reais baixos. Muitas atividades agropecuárias que, antes, perdiam em rentabilidade para aplicações financeiras que remuneram a taxas equivalentes à taxa básica de juros real da economia passam, agora, a ganhar delas. Isso estimula a produção no campo. Aplicar dinheiro a 7% ou 8% ao ano, livre de impostos, era muito cômodo. Agora, o retorno dos investimentos financeiros de baixo risco não passa de 2% ou 3%. Grande parte das atividades agropecuárias, quando estas são bem conduzidas, tem rentabilidade superior a isso. Pelos números apresentados, a cana continua como "rainha". O leite aparece como grande "vilão". Esta última atividade, dificilmente, remunera o produtor. Trata-se de um caso crônico no agronegócio brasileiro. Entre esses dois casos, trazemos uma lista com outras atividades.

Externamente, o acordo comercial entre os EUA e a China, assinado em janeiro de 2020, prevê, na sua primeira fase, um aumento das importações chinesas de produtos agropecuários norte-americanos para 2021 em relação ao nível de 2017. Esse "armistício" comercial entre as duas maiores potências econômicas globais contribui para a conformação de um ambiente de maior previsibilidade, a fim de aumentar o comércio no médio e no longo prazos. É preciso ficar atento, pois os EUA e o Brasil competem no enorme mercado chinês em diversos produtos.

Quando se traça uma análise da balança comercial do Brasil, segundo dados oficiais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), salta aos olhos a contribuição do agronegócio para a economia nacional no período de 2010 a 2019. A balança comercial do País apurou resultado positivo pelo menos nos últimos dez anos graças ao agro. Esse desempenho gera um expressivo excedente de divisas para o País. De acordo com o levantamento do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro), o agronegócio brasileiro fechou o ano de 2019 com um superávit comercial de US$ 67,9 bilhões. Como a economia brasileira apresenta sinais de aceleração, mesmo que o setor externo não tenha um desempenho muito superior àquele apresentado no ano passado, as perspectivas para 2020 são mais favoráveis para o universo agro do que aquelas observadas no início de 2019.

Olhando para a pecuária de corte, esse setor está diante de uma ótima oportunidade de crescimento devido ao aquecimento da economia brasileira e à ampliação da demanda externa, com a abertura de novos mercados. Para aproveitar esse momento, além de buscar o aumento da produtividade, sem abrir mão da sustentabilidade ambiental, o setor precisa esforçar-se para realizar uma comunicação mais adequada, a fim de acabar com a desinformação dos agentes formadores de opinião, fator que tem contribuído para construir mitos e preconceitos sobre a produção e o consumo da carne brasileira. As respostas para as principais dúvidas relacionadas à pecuária de corte são apresentadas em um artigo assinado por um pesquisador da Embrapa Gado de Corte.

No setor de grãos, a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC) faz um balanço do desempenho das exportações de milho e soja e avalia pontos importantes para o desempenho

do setor, como o acordo comercial entre os Estados Unidos e a China, os canais para escoamento da produção e o tabelamento do frete rodoviário.

Na seção Abre Aspas, o deputado federal Alceu Moreira, presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), faz uma avaliação geral dos acontecimentos em curso no Congresso Nacional e das pressões políticas crescentes previstas para este ano. Na avaliação de Moreira, a bancada ruralista teve forte evolução em 2019 porque houve um ambiente político favorável. Com isso, os parlamentares ganharam confiança para aumentar o trabalho e entregar uma produção competente no Congresso. Para 2020, o tema a ser trabalhado é o Brasil agroambiental, a partir do pensamento de que um agricultor, sem cuidar do meio ambiente, não será um produtor. Por isso, um ambientalista terá de respeitar o produtor de fato.

O Caderno Especial do mês destaca a Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio), instituída pela Lei nº 13.576/17, em reunião memorável realizada no Conselho Superior do Agronegócio (Cosag), na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). O seu objetivo é ampliar a participação dos biocombustíveis na matriz de transportes brasileira com base na previsibilidade e na sustentabilidade econômica, ambiental e social. Tudo isso para contribuir com a redução das emissões de gases do efeito estufa (GEE) no País. O RenovaBio entrou em vigor em 26 de dezembro de 2019, por meio do Decreto nº 10.102/19, que dispõe sobre a definição das metas compulsórias anuais de redução de emissões de GEE e instituiu o Comitê RenovaBio.

Por fim, decisões de política pública sobre energia para transporte e mobilidade estão sendo tomadas por meio de critérios de avaliação muitas vezes parciais, informações incompletas e ideias preconcebidas, sem uma avaliação científica mais rigorosa e sem levar em conta emissões geradas de forma mais completa. Isso tem ocorrido em várias situações e nos eventos mais prestigiados e relevantes do globo. Falta, portanto, um maior esclarecimento a respeito dos critérios de avaliação de GEE para a mobilidade. Por exemplo, considerando o critério de emissão "poço à roda", um veículo *flex* convencional movido a etanol emite 58 g CO_2 eq./km, contra 92 g CO_2 eq./km emitidos por um veículo elétrico a bateria na Europa. ■

LEIA A *AGROANALYSIS* NA INTERNET E NOS ACOMPANHE NAS REDES SOCIAIS.

INSTAGRAM: /FGVAGRO
FACEBOOK: /FGVAGRO
TWITTER: @FGVAGROANALYSIS
YOUTUBE: REVISTA AGROANALYSIS

WWW.AGROANALYSIS.COM.BR

